

O RUÍDO DO SILÊNCIO

O silêncio emite um ruído próprio quando permanecemos na sua quietude, como se este nos quisesse comunicar qualquer coisa e nos apontasse o caminho a seguir, sem direito a perguntas, somente escutar com os ouvidos do espírito o que ele nos quer dizer, e depois tirarmos as nossas próprias ilações.

Muitas vezes me tenho questionado sobre que tipo de ruído é este que o silêncio faz, quando estamos concentrados em alguma coisa sublime, qual cortina que desce sobre nós e nos vedasse ao mundo exterior, usando a nossa própria intuição!

A experiência é metafísica, e conspira para a nossa elevação espiritual, cercando-nos e abrindo-nos portas para o nosso entendimento. É como se o progresso espiritual fizesse um ruído específico. No princípio ao de leve, depois com mais fervor, até que por fim nos isola de qualquer barulho exterior.

Neste estado, tudo o que parecia disperso converge num só centro, e a alma, longe do tumulto, sente-se a desvendar mistérios ocultos apenas pela ressonância desse silêncio. Não há palavras suficientes para descrever a leveza que se instala, como se cada pensamento fosse dissolvido na paz que excede todo o entendimento, como dizia São Paulo. A quietude revela-se, então, um convite ao autoconhecimento, uma ponte invisível entre o que somos e o que podemos vir a ser.

No coração do silêncio, o tempo perde o seu domínio e as preocupações dissipam-se como névoa ao sol. É nesse instante rarefeito que entendemos que o ruído do silêncio não é ausência, mas plenitude, qual matéria viva, vibrante, e cheia de significado por decifrar. Permitirmo-nos ouvir este ruído é ousarmos crescer, reconhecendo que há respostas onde julgávamos haver apenas um vazio.

António Ferreira - 2025-09-29